

LUTA!

Gr. 2

Por Deus, Terra e Liberdade, brasileiro, Luta!

com Justino Braga



Nº 4

JANEIRO
FEVEREIRO
1948



LEIAM
DIVORCIO!
NESTA REVISTA

Franklin Roosevelt

"O apóstolo da paz"



REVISTA LUTA
R. Quintino Bocaiuva, 62
Tel. 2-7600 — SÃO PAULO

ANUNCIOS

TABELA DE PREÇOS

Capa Externa (inteira)	Cr\$ 1.000,00
Capa Interna (inteira)	Cr\$ 900,00
1 Página Interna (inteira)	Cr\$ 800,00
1/2 Pág. interna (vertical ou horizontal)	Cr\$ 500,00
1/4 Página interna (7 cm. x 11 cm.)..	Cr\$ 300,00
1/8 Página interna (7 cm. x 5 cm.)..	Cr\$ 200,00
1 rodapé (16 cm. x 5 cm.)	Cr\$ 300,00

Luta!

Ano II — N.º 4
JANEIRO
FEVEREIRO
1948

Diretor Proprietário
D. CARLOS DUARTE COSTA

—) :: (—
Revista-Mensal-Ilustrada

—) :: (—
REDAÇÃO

Rua da Constituição, 10 — sob.

Fone: 22-7368

RIO DE JANEIRO

SUCURSAIS:

SÃO PAULO:

Antonio Mellace Netto

Rua Quintino Bocaiuva, 88 — 2.º

Fone: 2-7608 - S. Paulo

SANTOS:

Rua 15 de Novembro, 28 - 3.º - S/317

BELO HORIZONTE

Escritório: Rua Moscovita, 428.

UBERLANDIA — M. GERAIS:

Euler Lannes Bernardes

Rua Guarani, 86 — Uberlândia

CABO-FRIO — Rio de Janeiro:

Farah Elias Farah

LAGES — Santa Catarina:

Dom Antídio José Vargas

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Rua Marquês de Caxias, 199.

Walter S. da Costa

Fone: 492 - Cidade de Rio Grande

—) :: (—

PRECISAMOS DE AGENTES PARA

OUTRAS CIDADES

—) :: (—

ASSINATURAS

Capital Federal Cr\$ 30,00

Nos Estados Cr\$ 40,00

NUMERO AVULSO

CAPITAL Cr\$ 3,00

ESTADOS Cr\$ 4,00

—) :: (—

A Direção não se responsabiliza por artigos assinados



LEIAM

DIVORCIO!

— DE —

ALICE AFRA DE CARVALHO

(Do Inst. de Cultura e do Centro Carioca)

OS ATRAZOS DE "LUTA!"

Toda sorte de embaraços dificultam a vida de uma revista em choque franco contra todas as tiranias como é LUTA!

Além da natural pobreza de recursos econômicos de um movimento que conta apenas com as contribuições dos adeptos da causa que defende — ainda devemos vencer uma obra sistemática de boicotagem e de sabotagem com a qual os nossos poderosos inimigos nos pretendem esmagar.

Afóra isso, ainda temos tido de suportar dificuldades de ordem gráfica, que contribuíram para um novo atraso no aparecimento deste número.

Entretanto, contando com a cooperação ativa de todos os companheiros, trataremos de regularizar o aparecimento de LUTA! — cuja existência dia a dia se torna mais necessária no ambiente nacional.

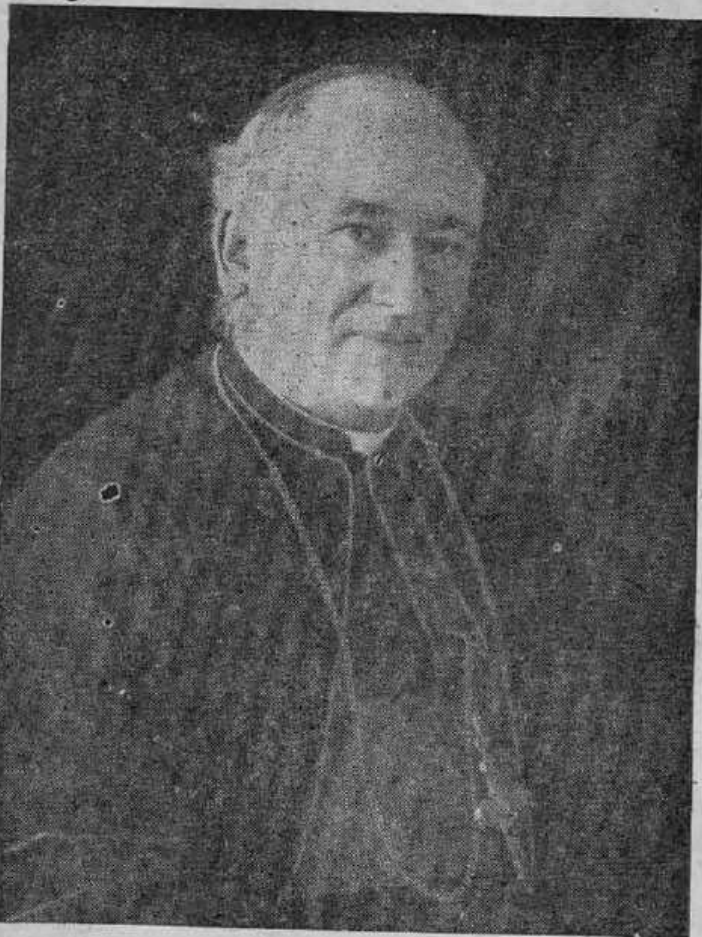
LUTA!

Por Deus, Terra e Liberdade, brasileiros, Luta!

A CONFISSÃO AURICULAR

Escreve:

+ Carlos Duarte Costa
Bispo do Rio de Janeiro



Dom Carlos Duarte Costa
Bispo do Rio de Janeiro

A Igreja Romana não pode apresentar documentação, da prática da confissão auricular nos primeiros séculos do cristianismo, quando grande era o fervor dos sequazes de Cristo, desejosos todos de manifestar a sua fé e todos disputando as honras e glórias do martírio.

Si a confissão auricular foi, sempre, condição necessária para a salvação das almas, como

faz crer a Igreja Romana, os primeiros cristãos perderam, todos eles o reino dos céus.

Os escribas e farizeus modernos não podem fugir da seguinte argumentação: Ou todos, unanimemente, rejeitaram a confissão auricular, revoltando-se contra a sua instituição, por Cristo; ou então não a praticaram, porque Cristo nunca a instituiu. Não é possível que homens e mulheres, dispostos a dar a sua vida, como deram, para confessar, publicamente, a sua fé em Cristo, rejeitassem uma instituição, julgada, por Ele, necessária à salvação das suas almas. Uma vez que não há vestígio, nos primeiros séculos do cristianismo, da confissão auricular, segue-se, como consequência lógica, que a confissão auricular é uma instituição humana.

Com efeito, é no ano 758, isto é, no oitavo século, que deparamos com a confissão auricular, praticada pelos religiosos do Oriente.

Revolvamos as páginas da história, para saber quem eram esses religiosos do Oriente. E verificaremos que eram um pálida imagem do que são, hoje, em pleno século vigésimo, esses frades e essas freiras, que vivem nesses conventos, verdadeiros antros de perdição. Eram tantas as irregularidades, tão grande o fanatismo, tão deploráveis os maus costumes, que os monges orientais passaram a ser tidos como elementos perniciosos à sociedade. Para que todos tenham uma idéia clara da depravação moral existente nessa época basta dizer que viviam em promiscuidade monges e monjas. E estes foram os instituidores da confissão auricular!

Convindo à Igreja Romana semelhante instituição, no ano 1215, o "papa" Inocêncio III estabeleceu como obrigatória a confissão auricular o que foi confirmado, posteriormente, pelo Concílio Tridentino, iniciado em 1515 e terminado em 1563.

Sobre a confissão auricular diz S. Agostinho: "Que tenho eu com os homens para que ouçam as minhas confissões como se pudessem sarar as minhas enfermidades? O mundo é curioso

para conhecer a vida alheia, mas preguiçoso para corrigi-la”.

Antes de S. Agostinho, já o grande S. João Crisóstomo havia escrito: “Não vos convidamos a ir confessar os vossos pecados aos vossos semelhantes, mas só a Deus.”

Nestório, Patriarca de Constantinopla, nos anos 428-431, por um ato público, que os melhores historiadores da Igreja Romana sempre reconheceram, proibiu solenemente, a prática da confissão auricular, dizendo: “assim como sempre houve ladrões, bêbedos e outros malfetores, assim, também, houve, sempre, homens e mulheres que, sob pretexto de confidências, para consolação e edificação mútua, se entregavam a toda espécie de iniquidades e de concupiscência”.

A confissão auricular, nós a encontramos praticada, entre os primitivos “hereges”, com especialidade Marcião, escrevendo sobre ela os seus contemporâneos: “Certas mulheres tinham por costume procurar o “herege” Marcião, a fim de lhe confessarem os pecados. Este, porém, deixou-se impressionar com a sua beleza, terminando correspondendo ao amor e pecando com elas”.

S. Basílio, no comentário do salmo XXXVIII, diz sobre a confissão: “Não me apresento, ao mundo, para fazer uma confissão com os lábios. Fecho, ao contrário, os meus olhos, no segredo do meu coração. Em Tua presença, ó Deus, solto os meus suspiros, e És a única testemunha deles. Os meus gemidos são os do interior da minha alma. Para confessar não são precisas muitas palavras; o pesar e a contrição representam a melhor forma de confissão. As lamentações da alma que Te dignares escutar, são a melhor confissão.”

E, ainda, Crisóstomo quem, na sua Homília “De poenitentia, vol. IV, col. 901, diz: “Não tendes necessidade de testemunhas da vossa confissão. Reconhecei, em particular, os vossos delitos, e Deus seja o único que vos ouça.”

Na sua Homília V, “De incomprehensibili Dei natura”, vol. I, diz: “Portanto, suplico-vos que sempre confesseis os vossos pecados a Deus! Eu, vos peço, não os confesseis a mim. Só a Deus deveis descobrir as feridas da vossas almas, e dele só, deveis esperar o lenitivo. Recorrei, pois, a ele, e não sereis repellidos, mas sarados, pois, antes de pronunciardes uma única palavra, Deus já terá atendido ao vosso pedido”. E, na sua Homília do Salmo I, diz: “Confessai os vossos pecados todos os dias em oração. Por que haveis de hesitar nisso? Não digo que vos confesseis a um homem, tão pecador como vós, que vos poderia desprezar, si conhecesse as vossas faltas; mas confessai a Deus, que vô-las pode perdoar.” Na sua “Catechessis ad Illuminandos”: “o que mais nos deve admirar é que Deus não só nos perdoa os pecados, mas, também os não divulga, nem quer que os divulguemos. Exige que confessemos as nossas transgressões a Ele só, para obtermos o perdão”.

Na bela Homília sobre o Salmo XXXI, S. Agostinho diz: “Confessarei ao Senhor a minha injustiça, e Ele me perdoará tôdas as minhas iniquidades. E tal confissão não é feita com os lábios, mas somente com o coração. Eu mal abri

a boca para confessar os meus pecados e foram perdoados, porque Deus tinha ouvido a voz do meu coração”.

Na edição dos S. S. P. P., por Migne, vol. 67, pp. 614, 615, lemos: “Cerca do ano 390, o ofício do penitenciário foi abolido na Igreja, em consequência de um grande escândalo causado, por uma mulher, que se acusou, publicamente, de ter cometido um crime contra a castidade, juntamente, com um diácono”.

A Igreja Romana, agindo com desonestidade, como sempre age, procura estabelecer confusão, na citação de trechos dos Santos Padres, quando êstes dizem que os pecadores procuravam êste ou aquele presbítero, êste os aquele bispo, a fim de confessarem seus pecados. Aqueles, porém, que conhecem a história eclesiástica sabem que os Santos Padres aludem sempre a confissão pública, feita no penitenciário. Este ofício do penitenciário, existia nas principais cidades. Ao penitenciário competia a presidência das reuniões da Igreja, cujos membros haviam cometido alguma “falta pública”, sendo feita então a confissão *publicamente*, na presença de todos os membros da comunidade cristã. Por êsse meio, ficavam reabilitados, depois da sentença pronunciada pelo penitenciário. Foi o que se passou com o incestuoso de Corinto, de que nos fala S. Paulo.

Não passa, pois, de uma impostura a confissão auricular.

No confissionário, a mulher perde a sua dignidade e quebra os laços sagrados do matrimônio ou corrompe a pureza de sua castidade.

No confissionário é que se corrompe a criança arrancando-lhe a inocência, com as perguntas que faz o sacerdote.

Pervertida a criança e conquistada a mulher, a Igreja Romana, pelo confissionário, está senhora de todos os caminhos, gozando da prostituição da alma e do corpo da mulher, para aumentar o seu império econômico, no mundo inteiro.

Esse é o “cristianismo” romano. Essa é a “civilização cristã” defendida, com tanto denodo, nesta hora tragica da Humanidade pelo “deus” do Vaticano.

Acabemos com êsse estado de coisas dando ao Brasil, o cristianismo e a civilização que êle merece e quer.

Que Deus nos ajude a libertar o Brasil do Vaticano!

Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1948

AGUARDEM
“O PAPA & CIA.”
-- de --
Jayme de Figueiredo

Jesus em Buenos Aires

SE JESUS CRISTO VOLTASSE A TERRA E REPETISSE AS MESMAS PALAVRAS QUE PROFERIU HÁ VINTE SÉCULOS... O QUE ACONTECERIA COM ELE?

ENRIQUE MÉNDES CALZADA

A chegada de Jesus de Galiléia a Buenos Aires passou despercebida para a maior parte dos habitantes da cidade. E' verdade que o bom Rabi, por motivos de índole particular viajava incógnito, e os grandes diários, na secção destinada à Vida Social, não publicaram a noticia. Esta omissão não causará a menor estranheza se levarmos em conta não se tratar de nenhum abastado comerciante desta praça, de nenhum leiloeiro rico, de nenhum chefe de expedição ao deserto e de nenhum descendente de explorador. E assinala-se que não ignoro que Jesus esteve no deserto durante quarenta dias. Mas, que são quarenta dias, que significam quarenta dias em comparação com os meses, os anos que passaram nêlo quase todos os nossos generais?... Em resumo, tratava-se de um viajante insignificante, de um senhor, enfim, com muito talento mas com muito pouca bagagem. E não são estas, absolutamente, as condições necessárias para figurar dignamente na Vida Social; muito pelo contrário.

Segundo parece, uma vez chegado à cidade, Jesus apresentou-se em um hotel aristocrático — isto é, em um hotel caro — com o propósito de nêlo hospedar-se; mais, nem bem pisou os pés no fôfo tapete do vestibulo, um laço saiu ao seu encaixo. Era este um brutamonte, um homem alto e robusto que se distinguia, como de hábito em sua profissão, pela boa roupa e pela falta de educação. Trazia à cabeça um boné ornado, onde ressaltavam umas cabalísticas letras bordadas a ouro e vestia um traço escuro, profusamente enfeitado de botões e passamanarias, tudo isso dourado. A simples presença daquele homem intimidou Jesus, que o julgou um militar. Acovardado não se atreveu a dirigir-lhe a palavra. O homem do boné enfeitado, pelo contrário logo que viu a indumentária de Jesus, sentiu-se eloquente. Irritado, repreendeu o viajante, usando expressões desconhecidas de Jesus:

— Fora daqui! — disse. — Não sabe que é prohibido pedir esmolas?... Vá trabalhar, fora. Fora daqui, mandrião, vadio! fora, imediatamente, se não quer que o mande levar pelo guarda!...

Jesus não se alterou, não respondeu com palavras violentas, porque seu natural foi sempre a suavidade. Limitou-se a dizer que não vinha pedir esmolas, mas sim que desejava hospedar-se ali por alguns dias; que não lhe faltaria com que pagar, pois ainda possuía algum dinheiro. De facto, contra seus hábitos, trazia então algumas moedas de prata com o fim de dá-las aos pobres que encontrasse no caminho.

Quando Jesus acabou de falar, ocorreu algo de vergenoso. Dois quatro, seis novos famulos, que se foram juntando ao primeiro, enquanto Jesus falava, soltaram uma brutal, interminável, indescriptivel gargalhada. Inclinavam e riam como loucos. Pronunciavam as vezes palavras sufocadoras, frases incompletas, como: "E' um louco, vadio, que tipo estranho!" e outras expressões da mesma espécie. O bom Jesus foi levado aos emurrões e, mesmo longe dali, ainda escutava os gracejos e doestos que deixava às suas costas. Sobre tudo, escutava atrás de si, repetida obstinadamente, aquella palavra incompreensivel e estranha para ele:

— Vadio! Vadio!

Quando se viu bem distante dos criados, sacudiu as alpercatas, pois foi ele quem disse: "Sai de casa daqueles que não vos queiram receber, nem ouvir vossas palavras, e sacudi o pó de vossos pés".

Não sabendo Jesus para onde se dirigir, pôs-se a andar ao léu, para os bairros do sul. Dir-se-ia que exercessem atração sobre ele os lugares onde vive a gente pobre. Andando, andando, chegou ao Riachuelo, onde se deteve a olhar o trabalho dos marinheiros e dos estivadores. Depois

dirigiu-se a um restaurante, sobre cuja porta se lia este letreiro: "The Friendship-Open day and night". No cristal da vitrina havia umas inscrições estranhas, tão caprichosas e complicadas como o rasto de um caracol sobre um caminho. O dono, um judeu, acedeu em dar pousada a Jesus, depois que este lhe entregou algumas moedas de prata, que o bom homem supôs serem turcas. Lamentou-se de que aquilo o obrigasse a ir a casa de cambio, expressando de passagem sua opinião de que os cambistas são todos uns ladrões. Queixou-se, também, de que "os tempos estão ruins", o que costumava a dizer a todos os novos hóspedes.

Em sua caminhada, o Nazareno chegou, depois, à praça de Mayo, onde, para descansar, sentou-se em um banco, ao lado de um homem sujo e com cara de fome, que lia com grande atenção a página de anúncios de um jornal. Depois de alguns instantes de leitura, o homem, demonstrando mau humor, dobrou o diário e pô-lo ao seu lado, enquanto dizia irritado:

— Nada! Não há trabalho... Mais um dia a pão e água, se encontrar quem os dê... Maldita seja!... — e proferiu uma feia blasfêmia.

Jesus, então, repreendeu-o docemente, dizendo suaves palavras de bem. O homem sorria com ar zombeteiro e exclamou:

— Sim, sim. Tudo isso que o senhor diz já o disse Jesus há 20 séculos e veja como estou; veja como está o mundo.

Sem se dar a conhecer e como se tivessem aproximado vários desocupados que se encontravam nos bancos próximos, o Galileu continuou falando.

Dizia:

— "Bem-aventurados vós que agora estais com fome; porque sereis saciados. Bem-aventurados vós que agora chorais, porque rireis.

Ai de vós, os ricos! Ai de vós, os que estais fartos! Porque tereis fome. Ai de vós, os que agora

rides! Porque lamentareis e chorareis.

“Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus. Mas, digo-vos, que será mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, que um rico entrar no reino de Deus.

“Digo-vos mais, que o trabalhador mereceu o seu alimento.

“Não penseis que vim a terra para trazer a paz. Não vim trazer a paz, mas sim a espada”.

Enquanto isso, reunira-se em torno a Jesus uma multidão. Desocupados, empregados que saíam de suas fábricas, rodeavam e ouviam com prazer suas palavras. Entre eles, havia também um sacerdote e um banqueiro.

E Jesus continuou falando:

— “Guardai-vos dos que gostam andar com roupas comoridas, dos que prezam as saudações nas praças, dos que tomam as primeiras cadeiras nos templos e os primeiros assentos nas ceias; que se apoderam das casas das viúvas, pretextando a longa oração. Estes receberão maior castigo.

Ao ouvir essas palavras, o sacerdote estremeceu e afastou-se dali, benzendo-se. E Jesus, lançando um olhar em redor, prosseguiu:

— “Vedes tudo isso? Em verdade vos digo que não será deixada aqui pedra sobre pedra que não seja destruída”.

O banqueiro horrorizou-se, ficando pálido de estupor e de ira. Porque lhe pareceu que Jesus apontava os grandes edifícios onde se guarda o dinheiro. Correu imediatamente para chamar um polícia.

— Veja, senhor guarda — disse-lhe — detenha já sob minha responsabilidade, aquele vadio charlatão. Está propalando idéias subversivas.

O guarda dispôs-se a fazer o que se lhe recomendava, mas encontrou resistência da parte de alguns dos assistentes. Então, um grupo de rapazes bem vestidos que passavam por uma rua próxima veio em auxílio do agente da ordem. Produziu-se um tumulto. Alguns perguntavam:

— Que é? Que se passa?

— Um marxista, um subversivo! — respondiam outros. E muitos correram para se ocultar nos portais, com medo das bombas.

Ouviam-se gritos de “Morra o russo, morra o judeu!”

Os rapazes apoderaram-se de Jesus, arrastaram-no, rasgaram-

lhe as roupas, queimaram-lhe as barbas. Ao primeiro guarda reuniram-se vários outros, que cercaram Jesus para levá-lo à Chefia de Polícia. Neste momento, passava próximo ao sítio onde se verificaram êste acontecimentos a presidenta da Congregação das Adoradoras do Coração de Jesus! Ao ver o tumulto — que provocara a paralisação do trânsito — perguntou ao chofer de que se tratava e, depois de informada, vendo os policiais levarem preso o “anarquista”, disse a respeitável senhora:

— Bem-feito!... Deve-se exterminar de uma vez com êsses infames que pretendem destruir a obra de nossa religião. — E persignou-se.

Na Chefia de Polícia, obrigaram Jesus a depor.

— Sois, então, marxista? — perguntou-lhe o comissário.

E como Jesus silenciasse, acrescentou:

— Vejo que ficaste mudo, mas aqui temos um remédio para isso. Dar-te-emos com o couro de boi até falares...

Jesus, então, falou:

— “Bem claramente falei à face do mundo. Ensinei nos lugares onde o povo se reúne; e nada falei ocultamente”.

“Por que me perguntas a mim?... Pergunta aos que me ouviram o que lhes disse. Êsses sabem o que falei.”

Nisto, um guarda agarrou Jesus por um braço, sacudiu-o, e deu-lhe uma bofetada.

Jesus respondeu:

— “Se falei mal, dê-me testemunha do mal. Se falei bem, por que me fereste?”

— Oficial de guarda, — falou o comissário — transcreva as palavras deste sujeito. E' preciso que façam parte do sumário que será enviado ao juiz. Trata-se de um perturbador da ordem social.

Poucos dias mais tarde, Jesus foi metido em um vapor cheio de instrumentos de morte que o horrorizaram. Depois de algumas horas de viagem, desembarcaram-no em um edificio sórdido, onde se vacinavam outros homens. Antes de partir um comissário, que tinha uma lista à sua frente, perguntou-lhe:

— Como te chamas?

E o bom Rabi respondeu:

— Jesus.

— Jesus! Jesus de quê? não tens sobrenome?... Não tens pais?... Vamos, compreendo, compreendo... — E sorriu de maneira velhaca, com sorriso de homem que está a par das misérias humanas. — Escreva, oficial, — acrescentou — escreva: Jesus N., árabe, sem ocupação conhecida. Agitador profissional.

SOCIAIS



Fotografia tirada após o batizado do interessante menino Heyder, filho do casal Nilton Bahia da Rocha e neto de D. Zilda Bahia da Rocha e do sr. Manoel Ramos.

A cerimonia teve lugar no dia 7-XII-1947.

denado pela igreja a que pertence, não como padre, mas na qualidade de católico, apostólico, romano. Para s. excia. é preciso discutir antes de tudo a preliminar: "se o casamento é ou não é um sacramento. Se é sacramento não podemos admitir o casamento civil; mas se não é sacramento, segue-se que nós não invadimos a esfera de atribuições do poder espiritual".

Afirma que contra disposição expressa da Constituição tínhamos dois casamentos na sociedade: o civil e religioso. Discorda e reitera o propósito de repelir o absurdo: "ou o casamento é um sacramento e eu, católico, impugno o casamento civil e por conseguinte o divórcio, ou então hei de demonstrar a minha tese — que não é o casamento um sacramento, nunca foi e por isso posso sustentar o divórcio."

S. excia. conclue que o casamento é um contrato civil, para a constituição do qual se tornam necessário um "fato material", um fato instintivo" e um "fato moral." Mas só este, o moral, caracteriza o matrimônio, porque os outros dois se dão entre os homens como entre os animais. E qual é esse terceiro elemento? E' o casamento mútuo que é a manifestação do direito da liberdade pelo contrato. "Um homem e uma mulher combinam-se para formar uma sociedade especial com o fim de constituir a família; é um contrato." E há a este fato, complexo, qualquer coisa de religioso? Não, porque "ninguém se casa para render graças a divindades, ninguém se casa para adorar a Deus, ninguém se casa para fazer penitência, ninguém se casa para implorar misericórdia". Está se vendo, friza s. excia., que o fim do casamento nada tem de religioso.

Explica o sr. Costa Machado que a Igreja Católica sempre hostilizou o matrimônio: São Jerônimo disse — "Deus permitiu o casamento; mas o que agrada a Jesus e Maria é a virgindade". Portanto, se não agrada a Jesus é porque é ruim, e o que é ruim pode ser elevado a dignidade de um sacramento? Santo Inácio mártir, impugnava também o casamento: "Não há remédio sinão tolerar o casamento; não podemos lutar com as leis da natureza, com os instintos genésicos. O que convem é que no ato intervenha o bispo. Opinião depois aceita tanto que São Paulo disse

que entre a incontinência e o casamento era preferível este: "Casar é bom, mas não casar é melhor". Isto revela ainda que São Paulo hostilizava o casamento.

Mas por que a Igreja assim procede? Diz o sr. Costa Machado que, sendo as suas fontes as doutrinas de Anaxagoras e Platão, por isso ela é contrária, como espiritualista, aos prazeres sensuais do matrimônio. "E' como se explica a existencia do jejum, da abstinência, celícios e acetismo na sua vida economica; sempre guerra a carne."

X No concilio de Elvira decretou-se o celibato do clero; as freiras e frades fazem votos de castidade e vivem em mistica contemplação. Se o casamento é perante a Igreja um sacramento, por que isto? Um sacramento bom para os profanos, e ruim para aqueles que se votam ao serviço de Deus? Pergunta o sr. Costa Machado, que explana, respondendo a sua própria interrogação.

O casamento é uma instituição chamada para o gremio da Igreja porque uma grande arma na mão do poder; a família sujeita a Igreja é um elemento de torça a favor da própria Igreja e de suas pretensões. Como, porém, se apreciou esta instituição nos primeiros tempos da era cristã? Nos primeiros tempos da Igreja (é o sr. Costa Machado quem fala). tanto o poder clerical como o civil descuidavam do casamento. Até o século 6º, todos podiam casar-se e repudiar, mesmo os padres. Uma dama romana, depois santa Fabiola, elogiada por São Jerônimo, renunciou o marido, para se casar com outro. Aqui, o sr. Erico Coelho dá um aparte: Fez ela muito bem! Mas, o sr. Olimpio Campos, padre objecta: Ela não viveu com o segundo marido...

O Sr. Costa Machado continua: A Igreja nesse tempo, no século IV, não legislava neste sentido.

X O que quero provar é que o casamento definido no Concilio de Trento (século XVI)..... era considerado uma coisa a parte da ação da Igreja, separado, e o poder civil não tinha o cuidado de resguardar esta instituição original de tantos direitos".

Só no código Teodosio encontramos pela primeira vez uma lei sobre o casamento, e Godofredo diz que aí não se encontra uma só disposição referente ás cerimônias religiosas do casamento. A lei 428 desse código decretara entre outras disposições que o casamento de pessoas de elevada posição, quero dizer, da nobreza, seria provado por testemunhas afetas aos conjuges e nada mais." Tal código prevenia, resguardava e protegia somente o casamento dos nobres. Justiniano estendeu-o a todas as pessoas livres, é, reconhecendo os grandes inconvenientes que havia na prova do casamento na novela 74, § 4º, providenciou sobre o caso e fez alguma coisa mais do que existia. Decretou que o contrato de nupcias havia de ser provado, nas classes superiores, pelo pacto-ante-nupcial; na classe média, pelo título de casamento dado pelo "defensor" (um empregado civil) assinado por tres ou quatro clérigos. Para a classe baixa, nenhuma formalidade no casamento, civil, ou religioso, nem a intervenção de poder algum.

Esgotada a hora, ficou a discussão adiada e na sessão do dia 2, se reiniciou. Resume o sr. Costa Machado o seu discurso da vespera e diz que, no século X, o imperador Leão VI tratou de legislar sobre o casamento, decretando que, para sua validade era necessária a intervenção da Igreja abençoando o ato. Tais disposições figuram, depois, nas constituições dos imperadores gregos e nos decretos de Carlo Magno além de outras. Carlo Magno, homem de prol na Igreja, não considerava indissolúvel o matrimônio, tanto que se casou com diversas mulheres e não era possível que ignorasse que o casamento, segundo a Igreja, era um sacramento. Nas suas disposições só se encontram medidas para prevenir a fraude.

Os papas Nicolau I, Adriano II, Alexandre II, sempre declararam que o matrimônio se controla pelo legitimo consenso, "não falam esses papas em ceremonias de qualidade alguma, não recordam que o matrimônio é um sacramento, nem fazem alusões a indissolubilidade do matrimônio.

Costa Machado vale-se da obra de Pelavacino que escreveu (Cont. na pág. 27)

era a aplicação de uma lei formal, o desenvolvimento regular de uma instituição apostólica.

Por aí se explica que "numerosos bispos, padres ou diáconos casados, tivessem, após a ordenação, continuado a coabitar com as suas esposas; incapaz de impor-se, como a maior parte dos seus colegas, o sacrifício de seus direitos conjugais, ou pouco dispostos a fazê-lo, não teriam sido menos verdadeiramente edificantes, como ninguém lhes poderia censurar a violação das leis da santa Igreja". Para o abade Vacandard, a prática do celibato eclesiástico abraça dois períodos: o primeiro (do século 1º ao 4º) em que ela é tida por uma honra, sem ser propriamente obrigatória na Igreja latina, como na Igreja grega; o segundo, em que ela é submetida a leis precisas muito mais rigorosas no Ocidente do que no Oriente.

No primeiro período, o abade passa em revista o pensamento de velhos doutores, favorável ao celibato, mas em nenhum descobre a prova de que seja ele uma lei imposta pela Igreja primitiva; ao mesmo tempo que cita como apologistas de tão extravagante instituição, Tertuliano, Orígenes, Eusebio, Cirilo de Jerusalém e, outros, reproduz de Sinesio, bispo do século 4º, o seguinte trecho de "uma carta célebre": "Não posso, diz Sinesio, ocultar a meu irmão o que eu quero que todo mundo saiba... Deus, a lei e a mão sagrada de Teófilo (bispo de Alexandria) deram-me uma esposa. Ora, eu declaro em voz alta que nem entendo separar-me dela, nem ter com ela relações clandestinas à maneira dos adúlteros. A separação seria impia; as relações clandestinas seriam contrárias à regra do casamento. Quero, pois, ter dela numerosos filhos".

De parte uma abundante documentação contemporânea dos primeiros séculos de apologética cristã, pela qual conclui Vacandard reafirmando a ausência de uma formal imposição do celibato aos eclesiásticos, vale a pena invocar o seguinte episódio ocorrido em uma das sessões do concílio de Nicéia, episódio que ele reproduz do historiador Sócrates, e cuja autenticidade defende com veemência:

"Veiu ao espírito de certos bispos, narra Sócrates, introduzir na Igreja uma lei nova. Propoz-se proibir aos bispos, aos padres e aos diáconos casados todo comércio conjugal após a sua ordenação. Mas um bispo do alto Egito, um ancião venerável, levantou-se energicamente contra uma igual pretensão. Mostrou quanto seria imprudente impôr o fardo da continência não só aos clérigos mesmos, mas também às suas esposas. O comércio do homem com sua mulher legítima é também uma espécie de castidade, diz ele; já é bastante que se impeça, em virtude de uma antiga tradição da Igreja, que os clérigos não casados tomem mulher depois de ordenados; que não se separem aqueles que se ordenaram já casados ou, ao menos, que se lhes deixe a liberdade de viverem ou não na continência, segundo a escolha do seu coração. A autoridade de Paúncio cortou a questão, acrescenta Sócrates. Foi decidido que os clérigos, nas Ordens Maiores, fossem livres, após a sua ordenação, de exercer os seus direitos conjugais ou de, espontaneamente, a eles renunciar."

A partir do século 4º é que começa a intensificar-se entre teólogos, entre pontífices, em

concílios, a idéia de castidade absoluta a exigir-se dos ministros da Igreja. Mesmo assim, não foi sem grande resistência que ela se converteu em lei irrevogável, pelo menos na aparência... No século 6º (em 583) o concílio de Lyon "exige que os padres e os diáconos cessem toda relação com as suas esposas. Mas esta prescrição puramente local, adianta Vacandard, mui depressa caducou pelo uso contrário, que era geral na Gália. Sob o nome de *sacerdotizas*, de *diaconizas*, de *sub-diaconizas*, as mulheres dos padres, dos diáconos e dos sub-diaconos permaneciam senhoras no lar; continuavam com os seus misteres caseiros e vigiavam a criadagem perto da qual repousavam à noite. As esposas dos bispos, conservando o título de *episcopizas*, se mantinham geralmente afastadas da casa episcopal." No século 8º o celibato entra em crise. "A moralidade do clero difere segundo os países. Na Gália, sob o governo de Carlos Martel, ela está visivelmente em decadência. Na Espanha, o rei Witiza, querendo encobrir assim a sua má conduta, revoga mui simplesmente a lei do celibato eclesiástico". No século 10º "a disciplina eclesiástica sofre um eclipse geral, e a lei do celibato em particular se ressentido do rebaixamento moral do clero. Não só os padres e os diáconos casados coabitavam com as suas esposas, como aqueles mesmos que, até à sua ordenação, eram celibatários, tomavam mulher, a despeito dos cânones, e viviam em uma espécie de concubinação, segundo a expressão do tempo. Sabendo que esse mal invadia a Alemanha, o papa Leão VII (936-939) declara ser "lamentável que padres ousem assim casar-se publicamente". Na Lombardia, "vêm-se padres vagabundeando, acompanhados de cães e falções; outros possuem tavernas ou bancos; quase todos vivem com as suas esposas ou mulheres menos respeitáveis". Segundo Bonizo bispo de Sutri, o mal se alastrava pouco a pouco por todas as províncias e atingia o próprio episcopado. "Não somente os ministros de segunda ordem, os padres e os levitas, escreve Bonizo, mas ainda os próprios bispos vivem aqui e ali maritalmente, *concubinati*, e isto se tornou tão comum que a deshonra de uma tal conduta está de algum modo abolida". Vários arcebispos de Ruão levavam igualmente uma vida de escândalos. "Até Roma, a mãe das Igrejas, se deixara arrastar pela mesma desordem; era um papa que o testemunhava. Depois de ter notado que "o comum dos clérigos, padres e diáconos, abandonando-se a uma licenciosidade desenfreada, tomavam mulher como os leigos e tinham filhos aos quais legavam seus bens (os bens da Igreja)", observa que "alguns bispos, perdendo a vergonha, coabitavam com as suas esposas", acrescentando: "este horrível e execrável costume estende as suas raízes sobretudo na Cidade Eterna". Isto se passava no século XI. No século XII (1123) o concílio de Latrão prescreve, pela voz do Papa Calixto 2º, que seja nulo o casamento dos padres, contraído depois da ordenação. Daí por diante o celibato eclesiástico se torna definitivamente obrigatório na legislação canônica da Igreja latina, obrigatoriedade que os concílios posteriores e a ortodoxia escolástica sancionam sem discussão. Ainda assim como observa Vacandard, por longos anos a execução



Novos Sacerdotes



No flagrante a esquerda, no alto e no da direita, vemos um aspêto da ordenação sacerdotal do diacono Raimundo Simplicio de Almeida, em 18 de Janeiro de 1948. Em baixo, a esquerda, um grupo formado por ocasião da ordenação sacerdotal do Pe. Olinto Pinto, Vigário da I. C. A. B., em Açu, no Rio Grande do Norte. Foto tirada em 16-11-47.

INDUSTRIAS DE CHOCOLATE LACTA S/A.

Rua José Antônio Coelho, 326

Tel. 7-5872

S. Paulo

SANTA C

EM APUROS OS FRADES

Devidamente autorizado pela I. C. A. B. o sr. Daniel Andrade em 30-12-47, deu vigorosa resposta as provocações insolentes que um tal Henrique Barison a soldo do "papa" vem fazendo à nossa igreja em Lages. O boletim-bomba, em boa hora lançado, mexeu com muita gente, e até com o "capitão" que, de mãosinha ao queixo e relógio-pulseira, parece ter desistido ultimamente do barulho peregrinante com "a N. S. Aparecida Expedicionária, para começar agora, espalhafatoso, com N. S. das Graças que, a seu ver, rende mais. — No jornaleco do Sr. Antonio Bortolotti, de 4 do corrente, uma porção de letras, (D. N. D. F. M.) — que alguém, com muito espírito, quiz traduzir por Departamento Nazista em Defesa do Fascismo Mistificador — assinou uma anedota pueril e promoveu a juiz um Budista Chinês, para a pretendida defesa da Igreja Romana. E sofismando através do ridículo conto da carochinha, o tal Departamento que se inscreve Nacional mas é Romano, transgredindo a dialética e tapeando a boa fé do Povo, tenta converter, em questão de idade, uma questão de veracidade. Neste caso, aconselhamos aos defensores do Romanismo deturpador que se convertam e passem todos para a religião Budista Chinesa. Com efeito a sua religião data de quatro ou cinco mil anos antes de Cristo, muito mais idosa do que a fórmula religiosa romano-papista. Também o Paganismo, dominante em Roma, quando foi fundada a igreja romana é muito mais velho do que esta e é o seu antepassado imediato. Podem escolher! Que irrisão, a igreja romana buscando provas e testemunhas na "autoridade" de um Budista Chinês!!! E agora perguntamos a quantos se arvoram em defensores do Romanismo papalino:

?A Igreja Apostólica primitiva, reunida em companhia da Virgem Mãe, no Cenáculo, em Jerusalém, capital da Judea, ao dia de Pentecostes, quando recebeu o Espírito Santo, para que também falasse todas as línguas inclusive a língua do futuro Povo Brasileiro, aquela Igreja, repetimos, era verdadeira ou não? Era, respondeis, por certo. Entretanto, aquela Igreja Santíssima, assistida visivelmente pelo próprio Espírito de Deus, NÃO ERA romana.



Procissão votiva de Natal, realizada em Lages, S. C. em 25-12-47

?E o Concílio Apostólico em Jerusalém, no ano 50 depois de Cristo, lá mesmo onde fora fundada a "Santa Madre Igreja", na ordem cronológica e geográfica, foi por acaso, convocado ou presidido por algum "Papa Romano"?

?E as florescentes Igrejas Cristãs, fundadas paulatinamente por toda a Palestina, Asia Menor etc., antes, muito antes, da fundação da Igreja de Roma, eram tais Igrejas, papistas ou romanas? E essas referidas Igrejas, primitivamente Cristãs e Apostólicas, sem "papa romano", sem Vaticano, sem Guarda-Pontifícia, sem Colégio Cardinalício, sem Bandeira temporal, sem Polí-



Primeira comunhão em Lages S. C.

tica e sem Códigos de Direito Canônico, para Tribunais de Inquisição — ? quem ousaria taxá-las de Igrejas falsas, comunistas ou queljandas? — O representante graduado do Romanismo em nossa terra tem motivos de "andar sofrendo", prevendo como já de prevê o desmoronamento do seu reinado de monopólio. Em matéria de princípios, construiu em terreno movediço. Por isso tão cedo o citado órgão franciscano, em edição posterior, procura cambiar o rótulo, falando em "Nomeação de bispos brasileiros". Bispos romanos, no Brasil, eis o que são. Brasileiros, enquanto usufruem, muitos deles, os direitos de cidadania, e Romanos, enquanto bispos. Estrangeiros pela obediência incondicional, prometida e jurada, sob teríveis penalidades canônicas. Funcionários de uma organização de caráter internacional, cuja política camuflada com a capa da Religião, persiste na escravização moral dos Povos, em proveito de uma casta que se julga proprietária exclusiva da própria Divindade quanto mais de N. S. das Graças. Acautelem-se as almas e os Cristãos sinceros! Em

ATARINA

ROMANOS EM LAGES

assunto religioso é preciso obedecer a Deus e aos sagrados princípios e não a fórmulas humanas, absurdas como diz o Apóstolo S. Pedro. Quanto à Igreja de N. S. das Graças que o "capitão" projeta construir, no suburbio onde, há muito tempo, o Bispo Diocesano, Dom Antídio, a pedido de Católicos Brasileiros, determinou se construísse uma Capela de promessa, dedicada a Nossa Senhora, nada existe, a nosso ver, que justifique o afobamento espalhafatado, as raivas e os agravos do Sr. Alfredo Setario — "O que, que há?! — Se o "capitão", por iniciativa própria ou alheia, resolver construir, em cada esquina das ruas desta cidade, uma igreja de uma determinada N. Senhora, parece que está no seu direito-torto! Sua alma, sua palma! No Brasil há liberdade de culto, e até a Igreja Romana, chefiada por um romano no Vaticano e sem personalidade jurídica dentro do País, ainda, tem liberdade de construir, com material, moeda e auxílios brasileiros, igrejas romanas no Brasil, para o povo ouvir missa em Latim. Entre as muitas existentes, será mais um balcãozinho



Aspecto da Juventude católica Brasileira de Lages, S. C. agrupada em redor do seu Bispo Diocesano por ocasião das Festas de Natal

romano, onde se vende medalhas, bentinhos, água etc. etc.! Água, até água, Santo Deus! Ainda se fosse no Ceará ou nos desertos africanos... O azar é para os "fiéis" que pagam impostos! Ali, na projetada igreja, aqueles que ainda acreditam no canto da Sereia ou estão presos pelo hipnotismo papalino, pagarão o preço do batizado, da crisma, da missinha de primeira, segunda ou terceira categoria. A igreja, dizem que será de N. S. das Graças; os milagres, dizem e ensinam, através do Cinema, que são do padre Antônio; e as rendas... Entretanto, o Povo, livre e consciente examine e observe, com insenção de animo, o desenrolar desta luta bonita e vitoriosa da

IGREJA CATOLICA APOSTOLICA BRASILEIRA.

Para a Igreja Romana, no Brasil, restará um caminho, conformar-se com o fato histórico da Independência Religiosa de Nossa Pátria, procurando, pouco a pouco e ainda que a contra gosto, por em prática os pontos da Reforma Católica no Brasil. Si não quizer faze-lo, grite, grite calunie a vontade, assumindo maiores compromissos, perante a consciência pública esclarecida.



Outro aspecto da distribuição de festas de Natal, promovida, em 25-12-47, pela I.C.A.B. em Lages S. C.

O AGITADOR



Jesus voltando à Terra, certo dia
A chamado do povo que sofria
Se viu em grande apuro...
Jesus o Bom Pastor, O puritano
Olhando o Mundo disse: — Isto é engano!
Meu Pae! Quanto perjuro!
Na Terra que eu pensei — era acatado
Na Terra, que eu julguei ter reformado,
Quanto crime no escuro!

O primeiro cristão que ao Cristo viu
A seus pés se arrojou:

Oh Meigo Jesus Cristo — perdoai-me
Se afastei-me de ti
Mas teu "Representante" aqui na Terra
Tem feito tanta coisa...

Tu que és de Deus o Filho tão querido
Vivestes na indigência
E o homem que se diz teu porta-voz
Orneja na opulência!

Tu que és de Deus o Filho tão querido
Vivestes no desdouro
E o homem que se diz teu porta-voz
Se espoja em ouro!

Se um dia tivestes um reinado
A coroa era espinho
E o homem que se diz teu porta-voz
Como abusa do arminho!

Carregastes a Cruz no teu Calvario
Sangrando até o fim
E o homem que se diz teu porta-voz
Só anda em palanquim!

Tu lavavas os pés de teus irmãos;
Humilde e Bemfazejo
E o homem que se diz teu porta-voz
Nos pés exige o beijo.

Tu vivestes em meio aos desgraçados
Buscando consolá-los
E o homem que se diz teu porta-voz
Só pensa em explorá-los!

E o primeiro cristão que ao Cristo viu
Seu lamento maguado, terminou:
Oh meigo Jesus Criso perdoai-me
Se duvido de ti
Mas teu "representante" aqui na Terra
Tem feito tanta coisa!...

O pobre Cristo, santo e caridoso
Abismou-se, deveras, com o que ouvia
Chegou a duvidar que deturpassem
Por tanto e por tal modo a sua crença...
Estarrecido procurou um Templo,
O espirito tristonho, perturbado...
Entrando num, o pobre visionário
Assistiu por que forma os "sacerdotes"
Exploram ao desgraçado, ao infeliz
Que paga taxas, taxas e mais taxas
Para "comprar" o reino de seu Pae!
Assistiu inocentes sem batismo,
Por não terem dinheiro p'ra comprá-lo
Os pobres de seus pais angustiados!
Assistiu casamentos de primeira,
Assistiu aos enterros de encomenda
Segundo os quais as almas dos ricos
Tem "passagem" direta para o céu!
Assistiu ao comércio miserável
De todos sacramentos respeitáveis
Enquanto no seu peito o coração
De divino rancor descompassava.
Alucinado, o pobre Jesus Cristo,
Voltou à rua, tonto, esbaforido
E em plena praça o Justo esbravejou:

Mentira! Só mentiras me inculcaram!
Jamais preguei tamanha falsidade!
Eu sou Jesus! Morri por todos vós
Por quem é preto ou branco, rico ou pobre!
Criei uma doutrina e os tais de "papas"
A comercializaram em seu proveito
Fazendo de meu Pae um argentário
E fazendo mim um "camelot"!
Jamais mandei cobrar os sacramentos
Jamais fui a favor da Tirania
Jamais compatuei com Opressores
Jamais fui contra o pobre que trabalha!
Revoltai-vos oh homens que me ouvis
Lutai pela Verdade! Eu sou convosco!

Em pouco tempo estava a praça cheia
Ouvindo aquele pobre alucinado
Bem poucos confiavam no seu siso:
Pois um homem que assim, em plena praça
Atacava o mais rico dos monarcas
Bradando contra o "papa" poderoso
Só podia, decerto, ser demente!...

De repente a sirene da policia
Se fez ouvir — o povo escafedeu-se,
Somente o pobre Cristo em plena rua,
A ira da "justiça" recebeu:
A cacetadas, rapas, bofetões
Os beaguins calaram o agitador
Levando-o, depois, ensanguentado,
Moribundo, qual trágico troféu!...

E foi assim que pela vez segunda
O Bondoso Jesus desencarnou...

Jayme de Figueiredo

MILAGRES E



Em todas as épocas de crise aguda, o povo cansado de esperar socorro de seus dirigentes, busca no sobrenatural o remédio para os seus males. Surgem assim os milagreiros explorando economicamente ou politicamente a desgraça popular e, até hoje, ninguém se utilizou mais dessa fórmula para enriquecer do que o Vaticano...

A propósito do que se vinha passando em Rio Casca, onde se estariam operando milagres graças às bençãos do padre Antonio, que a imprensa explora com sensacionalismo e os espetalhões aproveitam para venderem toda a espécie de bugigangas, desde os vidrinhos da água milagrosa às medalhas de estanho com efígie do padre, o sr. Mauricio de Medeiros, em dois de seus artigos para "A Gazeta", salientou a pouca memória que tem os povos, tendo em conta a repetição de mais uma série de fenomenos de hipnose coletiva.

Efetivamente, desde os tempos mais remotos, ainda muito antes de existirem padres e seus santos, já havia os milagreiros que faziam curas maravilhosas, que resussitavam mortos, davam vista aos cegos, e outras coisas inconcebíveis na imaginação de qualquer ente normal.

E' estranho que, aparecendo tantos seres dotados da faculdade de fazer essas curas pelo milagre, ainda haja doentes para curar!

Achamos conveniente que os leitores de A LUTA conheçam, na fonte de origem, o comentário desse médico e jornalista:

"Não creio que valha a pena discutir o conteúdo das curas. Seria um trabalho inútil. Um dos característicos dos fenomenos de contágio mental é que eles escapam á lógica. Mas é interessante anotar-se como certos fatos se reproduzem, tais e quais, sem a menor modificação. E deles não se lembra a coletividade.

No trabalho do dr. Whitaker (refere-se ao livro "Os Milagres do padre de Poá", do Dr. Aguiar Whitaker) há capitulos que poderiam ser publicados em qualquer dos vespertinos cariocas como descrevendo as cenas recentes de

TRIBUNA ESPIRITA

OS LAZAROS MODERNOS

Naquele, como no presente tempo, os que, voluntariamente, fôgem da igreja de pedra, da Igreja romana, para se abrigarem á sombra do EVANGELHO do CRISTO, notaram e nótam o farisaísmo romano, quando o JESUS, nas horas sagradas de sua semeadura, resuscitou Lazaro.

Os sacerdotes de coração de pedra que já concertavam entre si a cilada que culminou com a morte do JUSTO, juntavam, a lista negra de seus nefandos crimes o nome de Lazaros, como nós diz o Evangelho escrito por São João.

Lazaro, amigo de JESUS, e irmão de Martha e Maria, fôra cadaver e por imposição das virtudes do MESTRE resuscitára, revivêra para vida humana para testemunhar o poder de JESUS que o subtraíu das trévas de um túmulo para luz da vida, fáto, que plasmado no céu e nas terras da antiga Jerusalém, glorifica JESUS, por toda eternidade.

Assim não pensaram os sacerdotes dantanho, como não pensam hoje só sacerdotes de Roma porque, é evidente, que o farisaísmo dos tempos dos MESTRE ainda é o mesmo dos dias amargos que vivemos, apenas, com a diferença que hoje Jerusalém, se refere a civilização universal, á esta humanidade inteira que transita pelo planeta Terra. Para os sacerdotes romanos o MESTRE DIVINO deve continuar crucificado, e toáo áquele que se afastar da tutela criminosa do Vaticano, deve como Lazaro moderno, morrer, desaparecer, guardar no túmulo sua liberdade de pensar e de amar o CRISTO JESUS, o JUSTO, o SÁBIO o BENFEITOR

Escreve *Almirante Carlos' Borges de Faria*
da Cruzada dos Militares Espiritas.

"Soube pois um crecido número de judeus que JESUS estava ali, e viéram, não sómente por causa d'ELE, senão também para vêrem Lazaro. Porém, os príncipes dos sacerdotes assentaram matar também Lazaro".

São João Cap. 12-9/10

que não tinha em sua Cabeça a triplice corôa de ouro, por não ter, na terra, um lugar onde repouza-la. E todo áquele que, pelos EVANGELHOS DO MESTRE, se renovar em CRISTO, dando ás cóstas as trévas do Vaticano, é um novo Lazaro que devo ser morto, deve desaparecer; neste número, nesta lista, nesta fila, com certeza, se encontrará o nome do antigo bispo de Maura, hoje, Graças a DEUS, Bispo do Rio de Janeiro, o novo Lazaro, que ousou o grande crime de fundamentar a Igreja Católica Apostólica Brasileira na verdadeira doutrina cristão porque das trévas, da religião pagã, resuscitou para Luz de CRISTO JESUS.

A Igreja Brasileira, Graças a DEUS, já conta em seu seio bendito um número grande de sacerdotes, que agora, se sentem

resuscitados, trazidos, por mão Evangélica á claridade da fé meditada, após terem atravessado o sepulcro do ódio, do crime, da indiferença entre os romanistas que, em suas igrejas vazias de fé e de sentimentos cristãos commerciam com as coisas Santas do PAI.

Farizeus de todos os tempos, hipócritas e desleais, saibam que os Lazaros que se unem ao Amôr do MESTRE AMADO vencerão a terrível luta regiliosa que, pouco a pouco se fundamenta, não só no Brasil como no mundo inteiro, porque os tempos de renovação espiritual se iniciam e com eles, se ergue, se levanta, em benefício dos brasileiros que, em verdade sem crêças, sem fé, e sem DEUS, esta nova Igreja, que plantará no coração de todos, os Verdadeiros Ensinamentos de JESUS.

BOM PARA TODA A FAMÍLIA



Ação Triplíce

- 1 NEUTRALIZA o excesso de acidez no estômago.
- 2 LIMPA suavemente os intestinos
- 3 REGULARIZA o aparelho digestivo.

LEITE DE MAGNÉSIA DE PHILLIPS

Notícias "Romanas"

PADRES ESPIÕES

Cidade do Vaticano — Janeiro — 1948 — (Correspondência Especial para LUTA) — Um alto funcionário comentou aqui a respeito de despachos da imprensa que anunciavam a prisão de padres iugoslavos que confessaram haver enviado mensagens pelo rádio "por ordem do Vaticano".

Segundo informações dadas pela "Tanjug", agência oficial do Governo da Iugoslavia, 15 padres foram condenados a prisão, uns a uma semana, outros a 16 anos de trabalhos forçados, acusando-os de espionagem e de operar radioemissoras sem licenças, além de cometer atos contra o governo.

Outras agências de notícias, particularmente dos Estados Unidos, afirmam que pelo menos 19 padres e monges foram "processados e sentenciados" durante os últimos dez dias pelas cortes iugoslavas, depois de serem declarados convictos de vários delitos, como o manejo ilícito de rádio-emissoras, espionagem a serviço de uma potência estrangeira, atentados contra o governo e ajuda na fuga de criminosos de guerra.

As penas oscilam entre 6 meses e 16 anos de trabalhos forçados e em alguns casos o desterro, uma vez cumprida a sentença. Os processos tiveram lugar em Pola (que em setembro passou de italiana a ser iugoslava), em Ljubljana e Maribor, na Eslovenia. A maioria dos réus é constituída de padres e franciscanos, entre eles Frei Simpliciano Albino Gomiero, superior do Mosteiro do Santo Antonio, em Pola, o qual, segundo afirma a agência oficial iugoslava "Tanjug", "confessou operar sem licença uma rádio-emissora no mosteiro por ordens do Vaticano"; Rafael Mario Radossi, Bispo de Pola. O Padre Gomiero foi condenado a 16 anos de trabalhos forçados.

Em Maribor, uma monja foi condenada a três anos, e duas companheiras a 16 meses de prisão, acusadas de ajudar criminosos de guerra em sua fuga. Valentim Stiler foi sentenciado a 7 anos.



OS NOVOS CARDEAIS E SUA INDUMENTARIA

A Cidade Eterna está se preparando para elevar 32 prelados da igreja católica romana ao colégio cardinalício. A cerimônia terá lugar no Consistório da Vila Anastácia antiga residência de Afonso XII da Espanha, que foi preparada para a hospedagem dos nove cardiais. Enquanto se concluem os preparativos da recepção, os alfaiates Tanfani e Bartarelli, fornecedores do Vaticano, estão atarefados na execução das novas indumentárias cardinalícias. Cada vestimenta com-

pleta custará cerca de 200.000 cruzeiros. Somente o casaco leva 17 jardas de "moiré" cetim e purpura. Como complemento há ainda um manto de "ermine"; uma cruz de ouro e pedras preciosas e um anel também de ouro com rubis e esmeraldas. Na foto vemos um aspecto colhido nas oficinas de costuras dos alfaiates Tarioni e Bartarelli em Roma, quando uma das vestes cardinalícias eram submetidas a prova final (INS).



No julgamento de Ljubljana três padres acusados de receber "propaganda monarquico-fascista" de Monsenhor Gre-

gor Rozman, Bispo de Ljubljana no desterro, sofreram penas de dois, cinco e seis anos de trabalhos forçados.

Irmandade de Ramos



Vemos um aspêto da entrada triunfal da Procissão da I. C. A. B. em Ramos no dia 11-1-1948 e um detalhe da Benção da Imagem de N. S. das Dôres doada pelo sr. Manoel Ramos, tesoureiro da Irmandade de N. S. das Dores de Ramos.

SOCIAIS



A esquerda um aspêto do enlace Flamarion Aguiar e Helenita de Aguiar Brito, em 31 de dezembro de 1947. A direita, Vilma Amaral Dias, filha de Ricardina Amaral Dias. Foto da 1.ª comunhão em 20 de janeiro de 1948.



Os frascos contendo liquido vermelho, fingindo sangue, que es-corria das feridas de Santos de geso, velas de ferro imitando velas que nunca se apagavam, tubos que comunicavam com a sacristia e abobada da igreja para simular vozes celestiais, enfim, milhares de cousas inventadas pela velhacaria para subjugar a imbecilidade.

O próprio Papa Gregório, o Grande, que instituiu e sancionou o celibato dos padres, mandou escoar um lago existente proximo a um convento de monjas, e nele foram encontrados para mais de seis mil esqueletos de crianças!!!

Draper (Les crimes des Papes — Lacnatre) em seu Relatorio ao Rei da Inglaterra diz: *Contou-se mais de cem mil mulheres corrompidas pelos padres* o que levou o governo ingles a suprimir os conventos.

No Oriente, os frades tornaram-se os janibaros do ignorantismo; os mais fanaticos punham bibliotecas pagas para queimarias; destruíam as obras de arte; surravam os herecos, assassinavam, em nome de Deus. Mais tarde eles se tornaram odiados da cristandade pela sua preguiça, pela sua sensualidade, pela sua insolente riqueza; eles escandalizavam a igreja pelos seus incessantes conflitos com o clero secular, ou por violentas querelas que as Ordens mantinham entre si: "Conheci a arvore pelo fruto, ja dizia Jesus". (Wilfred-Mono-Du protestantisme).

Não está aí o escandalo passado com os *bens de mão morta* da nação brasileira, durante o reinado de Rodrigues Alves sendo seu Ministro J. J. Seabra, bens que, por decreto Imperial, respeitado pela nova Constituição da República, passariam a pertencer a Nação pela morte do último frade ou freira brasileira, sendo daí por diante proibido todo e qualquer noviciado? E, como só existissem no advento da República unicamente dois velhos frades, genuinamente brasileiros, frei Bento e frei João do Amor Divino, a reversão daquelles bens não deveria demorar.

Para os frades estrangeiros, porém, que enchiam os conventos,urgia que tal não se realizasse, e por meio de um

solisma, que consistia em naturalizarem-se brasileiros, alguns frades alemães, novamente importados, que lá residiam, tornaram-se *brasileiros* e milhares de contos de réis da nação, em dinheiro, jóias, antiguidades e inúmeras propriedades, inclusive os mosteiros, passaram-se para o Patrimonio do Vaticano, não sem relutancia da parte da imprensa e do povo esclarecido que, afinal, foi facilmente subjugado pela cavalaria! E' verdade que isto valeu ao Brasil, o Chapeu Cardinalicio... e ao Sr. Rodrigues Alves um bom lugar no céu!

Qual será o patriótico governo que fará reverter este patrimonio à Nação?

Mas, ainda há cousas mais graves, ultrapassando as raras da desfaçatez e constituindo o ato mais audacioso a que se não atreveria qualquer *trust* estrangeiro. E' o fato que se deu no Estado de Mato Grosso. A missão Salesiana obteve, em 1921, do governo desse Estado, permissão para usufruir por 10 anos, um latifúndio de 500 milhecos de metros quadrados (territorio maior do que o de muitas nações europeias), na melhor e mais rica zona do Brasil. Terminado este prazo em 30 de julho de 1931, continuou a Missão na posse usufruto e, em vez de pelo menos, pedir renovação de Concessão, interpoz, muito ingenuamente, o pedido de *doação gratis* daquele territorio!

Felizmente a "Coligação Nacional pro Estado Leigo" interveio em tempo, mandando um manifesto ao Sr. Getúlio Vargas, então chefe do governo provisório, cujo texto foi publicado pela "Vanguarda" em 7 de março de 1932.

Existe, porém, um fato que bem mereceria a atenção das nossas autoridades. E' o da crescente prouferação de congregações religiosas, sob diferentes invocações e exquissima indumentaria, cujos fins, aparentemente destinados a caridade, são transviados em beneficio dos que as dirigem.

Para isso empregam um simulacro de medicancia que, mais propriamente, se classificaria de exploração do povo e dos incautos comerciantes, co-

mo varias vezes tem sido desmascarados pela imprensa seria.

Além disso, é tão curiosa a homenagem prestada a essas congregações que as próprias autoridades sanitárias não tem ingresso naqueles *sagrados claustros*, a não ser acompanhados do bispo em pessoa, o qual, decerto, não esta disposto a esses passeios higienicos, ao passo que collegios particulares e casas de familia são invadidas diariamente por legiões de funcionarios a cata do stegomia dentro dos armarios acabando por se por fora o vasinhame nos quintais, onde os animais bebem agua, deixando-os morrer a sede.

Que vemos ainda pelo lado das finanças do país? Absoluta isenção dos pesados impostos de que se acenam onerosos, comercio, industria, artes liberais, etc., quando as escolas de congregações e as igrejas não passam de casas em que se negociam ensino, missas de varias categorias, batismos, casamentos, enterros, talismãs, etc., dessa renda sai unicamente o *dinheiro de S. Pedro*, remendo anualmente aos milhares de contos de reis para as arcas do Vaticano.

Pelo lado patriotico, que vemos ainda?

Isenção do serviço militar e outras obrigações sociais aos noviços ou padres jovens, em condições de pegar em armas, sob o curioso pretexto de que isto é contrario aos principios do cristianismo! Não serao esses principios os mesmos dos outros credos cristãos? São esses incoerentes privilegios a um credo não reconhecido official, que ofende a dignidade uma parte da nação que por ela não se gula!

Ah! si um dia no Brasil houvesse uma explosão de indignação como a que houve na tempos na ultra-catolica Hespanna, na Italia, sede do catolicismo e em outras rações, e o povo invadisse suavemente esses antros satanicos, certo e que a suposta maioria catolica sorreria bastante na sua percentagem, encontrando ali, em vez de santas mumificadas, uma verdadeira fábrica de anjos, senão uma nova forma

DIVORCIO!

(Cont. da pág. 8)

a historia do concilio e tinha as graças de Roma. O concilio de Trento teve que se manifestar sobre os chamados casamentos clandestinos. Isto provocou divergencias dentro dele; uns queriam que se anulasse os casamentos clandestinos outros que não, os casamentos feitos segundo o rito da Igreja seriam válidos, mas os clandestinos seriam também válidos até ali.

Não iremos extrair tudo o que o sr. Costa Machado disse. Há os Anais da Camara dos Deputados e qualquer um pode compulsá-los. Mas s. excia. afirma que, apesar das divergencias, o concilio estabeleceu que "Seja anatematizado ou excomungado aquele que disser que o matrimonio não é um dos sete sacramentos da lei evangélica, instituidos por Cristo", mas inventado na Igreja pelos homens, e que não

confere a graça divina". Aqui se vê que era corrente atribuir-se ao matrimonio o título do contrato, e que, aliás, é compreensível porque assim o era ele no Direito romano anterior ao Canônico, tanto que admitia o divórcio a vinculo, pelo mútuo consenso de marido e mulher.

Só na sessão seguinte, o sr. Costa Machado prossegue em sua argumentação. O sacramento existe, diz, s. excia. mas o sacramento do casamento e não o matrimonio-sacramento. No preambulo do Concilio, pelo acusativo "gratiam", afirmava-se ter Cristo conferido graça ao antigo casamento legítimo de direito natural. Entretanto, em edições posteriores, o "m" da palavra "gratiam" foram escamoteado, e o acusativo passou a ser ablativo. Donde, ao invés de sacramento do casamento, casamento-sacramento (Continua na pág. seguinte)

aperfeiçoada e velada dos ha rens da Turquia.

Ainda hoje entre frades e padres perdura uma certa animosidade que, de certo, não condiz com os ensinios de Jesus. Uma das últimas razões, foi o da invasão de milhares de frades espanhois no nosso território, pela expulsão da Espanha, rechassando o clero nacional, substituindo-o nas mais rendosas paróquias e nos melhores cargos eclesiásticos.

Para prova do que fica dito, transcrevemos, com a devida venia, o artigo do "Diário Carioca" de 28-1-33, em que fala um monge baiano:

"Depois de oito anos de martirios — despiu o hábito de monge Carmelita o Sr. Antônio Valadares — Baía, 27 (União) — Causaram verdadeira sensação, nesta capital, onde o povo é essencialmente católico, as declarações do Pe. Antonio Valadares, que acaba de despir o hábito de monge carmelita, deixando a vida do claustro "depois de oito anos de martirios", conforme afirmou ao "Diário de Notícias".

"Como baiano e como brasileiro, não podia mais ouvir calado, sem ter consentimento de levantar a minha voz de patriota, contra os insultos, as pirraças, as palavras amargas de crítica e ofensa, dirigidas, constantemente, pelos monges estrangeiros do Convento do Carmo, aos homens e às coisas do Brasil. Para eles, que vivem maldizendo do seio protetor que os acolhe com carinho, nada do que é nosso presta, nada vale, no nosso querido Brasil, sempre por esses homens maltratado nas mesas de refeições, nos recreios, em todas as horas".

E como afirmação de maior sensação, encontramos nas declarações do Sr. Antônio Valadares este pequeno trecho:

"... E' tanta coisa que causa horror: os nossos patricios, meninos alunos da Escola Apostólica, são maltratados e até esbofeteados pelos habitadores do Convento do Carmo. Ainda espero que os meus patricios, um dia, possam reagir contra esses indivíduos, que foram corridos de sua terra por não poderem ela, mais suportá-los."

Onde, porém, culmina o arrojado da afronta, é no haverem

esses mesmos frades em número de 700, conseguido, quasi a supressão do Instituto dos Cegos e Mudos, para desalojá-los e ocuparem, à guisa de hospedaria eterna, a propriedade em que agasalhamos infelizes patricios, que iriam para a rua, sofrer os maiores rigores!

Felizmente Deus teve piedade deles e interpoz o braço de um patriota que ocupava cargo saliente no governo provisório.

Não foi Jesús, de certo, nem seus apóstolos quem instituiu os conventos, e jamais eles se referiram a essas agremiações de indolentes e improdutos. Foram os frades e os padres que inventaram essas prisões, afim de separarem suas vítimas das respectivas familias e poderem governar mais á vontade essas consciencias ingênuas e indefesas, apoderando-se de seus corpos, seus espiritos e de suas heranças.

Mas, não julgue o leitor que é frade ou freira quem o quer sei; ou que baste querer alguém sequestrar-se, para logo ser aceito até a morte. Esse desejo poderá ser satisfeito, após, sindicancias, mediante grossa joia ou dote de quantia equivalente aos anos de proba-

bilidade de vida, e essa não é pequena. Ademais, a soma realizada é que irá estabelecer a condição monástica, a qual, pode abranger, desde o lugar de lavador de pratos até os mais altos cargos. A santidade ali não tem cottação para a Congregação; só serve ao próprio sequestrado, pois, a casa não é Asilo de Inválidos.

Naquelas antigas eras do reinado da Paz, essas Confrarias eram mantidas pelo povo, pagava-se o dizimo da Ordem, como Abrahão a Melchisedec, e os futuros profetas ou profetisas eram selecionados pelo noviciado ou pela vocação espontanea, após rigorosos exames e terriveis provas físicas e morais, antes de se poderem dedicar à missão de portavoz do Altíssimo. Hoje os conventos são as instituições mais ricas do mundo e vivem de fabulosa renda, sem prestar beneficio à sociedade, pois as supostas missões, si bem que rotuladas de propaganda cristã, visam outros fins. Há um fato curioso a notar: para os proventos, todos esses sacerdotes são brasileiros; para as obrigações ou deveres, são romanos, isentos de tudo: Sorteio militar, juri impostos, etc. Estes são para os leigos, ou seja, para os patetas!

O Celibato Sacerdotal como fator de aberrações sexuais

Cont. da pág. 12

magis placet mugitus bovim vel grunitus porcorum quam cantus presbyterorum luxuriantium.

Outro escritor não menos autorizado, Polidoro Virgilio, assim se manifesta sobre os malefícios decorrentes do celibato sacerdotal:

"Um casamento honesto é preferível a um celibato forçado. Não há instituição que tenha causado maior dano à religião e inspirado maior desgosto a todas as pessoas de bem, do que o celibato, porque foi e será sempre para os padres uma ocasião contínua de libertinagem e desordem. Também seria muito mais vantajoso para a sociedade, e para os eclesiásticos mesmos, que se restituisse o antigo direito de se casarem àqueles que o quizerem. Pareceria com efeito, mais honesto vê-los cumprirem castamente os seus deveres conjugais, em vez de se pculirem, como fazem, com as mais vergonhosas desordens".

No fim do século XVI conta Cornélio Agripa que o papa Sixto IX fundou em Roma um aristocrático lupanar — *nobile admodum lupanar* — tendo fixado a taxa de um julio por semana que cada prostituta deveria pagar. A renda atingia anualmente a vinte mil ducados. Estevão Esfessura diz em seu *Diarum Romanum* que aquele pontífice era amante de crianças e sodomita: *puerorum amator et sodomita fuit*. Esses e outros fatos relatados com mais detalhes constam da obra do abade Julio Claraz — *Le mariage des prêtres*, editada em 1912. Mais impressionantes são os que H. Cimón recolheu no seu livro — *La séparation intégral*, ocorridos entre 1889 e 1900, isto é dentro do espaço apenas de um ano, todos eles constando dos arquivos judiciários de um único país, a França: Abade Vernoux, cura de S. Germain-Beaupré, cinco anos de reclusão por atentado ao pudor sobre crianças; L. Bailly, padre missionário, um ano de prisão por ultrages aos costumes e atentados ao pudor sobre três rapazes; J. Edward, do orfanato de la Roche-Arnaud, dezoito meses de prisão por atentado ao pudor; Barras, vigário de Coulevre, seis meses de prisão por ultrage aos costumes; Coince, cura de Bouconville, vinte anos de trabalhos forçados por contumácia em atentados aos costumes; Salens, cura d'Aix-en-Orchies, um ano de prisão e 200 francos de multa por ultrage aos costumes em estrada de ferro; Butud, padre seminarista em Autun, vinte dias de pri-

são por ultrages públicos ao pudor; Irmã Tereza Ramiero, cinco anos e cinco meses de prisão por ter vendido a aliciadores de prostitutas, para o estrangeiro, orfãzinhas confiadas à sua guarda; abade Delamarre, diretor do pensionato Santa-Maria, em Aire, dois anos de prisão e 500 francos de multa por excitar menores ao deboche; A. M. Rouviere, em religião Irmão Auxile, professor de uma escola congreganista em Compiègne, seis meses de prisão por ultrage aos costumes; Irmão Genis Bazin, diretor do orfanato Denuzières, em Croix-Bousse, quatro anos de prisão por atentado ao pudor sobre órfãos; Dupont, vigário em Saint Jule de Bizieres cinco anos de prisão por atentados ao pudor sobre meninos de côro; A. Halleray, clérigo de Saint-Victor, professor congreganista em Cambraia, sete anos de trabalhos forçados por atentados ao pudor sobre crianças confiadas aos seus cuidados; Queron, cura de Saint-Brice, cinco anos de reclusão por atentados ao pudor; A. Bidard, cura de Saint-Martin des Pezerits, quatro anos de prisão por atentados ao pudor sobre meninas; Abade Lebouc, cura de des Ecrennes, cantão de Chantellet en Brie, condenado a trabalhos forçados à perpetuidade, por contumácia em atentados ao pudor sobre meninos do catecismo; o padre Lebouc, antes de ser cura, de des Ecrennes, tinha sido condenado a cinco anos de reclusão por atentados ao pudor sobre meninas da primeira comunhão. Seguem-se muitos outros casos análogos ou idênticos não só verificados na França, como na Alemanha e na Itália, os quais deixamos de citar porque já vai extensa a relação dos acima apontados. São os que vieram a público, emaranhados na trama da justiça penal. Caucule-se que cifra não alcançaria os que passam despercebidos pelo mistério que os envolve, ou sob o silêncio que sobre eles se faz, sobretudo, nos países de maioria católica, onde as autoridades eclesiásticas facilmente dispõem da obediência e discrição das autoridades civis? Que coisas espantosas não revelaria um rigoroso inquérito nos milhares de conventos e de internatos educacionais, que há por este mundo afóra, até hoje privilegiadamente indevassáveis a uma saneadora polícia de costumes?

Mas não é esta a conclusão a que queremos chegar, sim, mostrar que ali se ostenta uma chocante documentação clínica de distúrbios morais que explodem como uma resposta brutal à férrea disciplina com que se pretendeu e ainda se pretende conter, mutilar, extinguir um instinto, tanto mais impetuoso e rebelde, quanto mais reprimido, comprimido por um convencionalismo postiço, monstruoso e absurdo.

Prefiram o



TRIXKIRA

ALFAIATE

Rua da Constituição, 10 - 1.º and.

Fone 22-7368

COM QUEM A VERDADE?

Uma síntese das reformas imediatas a serem introduzidas no culto ROMÂNICO propostas pelo ex-Bispo de Maura

escreve JAYME DE FIGUEIREDO Secretário Geral de "LUTA!"

O meu Ilustrado compatriota e xará, D. Jayme de Barros Câmara, deve andar muito atarefado ultimamente. Só posso atribuir a sua ausência no debate que já repercutiu por todo o Continente Americano, debate motivado pelas novas diretrizes traçadas, para a Igreja Católica, pelo ex-Bispo de Maura e atual Bispo do Rio de Janeiro, às suas inúmeras ocupações políticas sejam elas religiosas ou leigas.

Realmente, parece incompreensível não tenha o príncipe romano respondido até hoje aos libelos formulados pelo fundador das Igrejas Católicas Apostólicas Nacionais, entre os quais sobressai o último, divulgado em sessão solene na ABI, no qual S. Excia. Revma. D. Carlos Duarte Costa denunciou as catilnárias do clericalismo romano apostrofando:

"Os caixeiros internacionais do papa, de batina ou sem batina, dizem, escrevem, murmuram, cochicham e propalam, muito de indústria, que eu sou um IMPOSTOR... Porque, sendo, como ninguém pode negar, tão Bispo como o transviado Bispo de Roma, nego-me a receber suas ordens malignas e suas instruções pérfidas — que ordens e instruções — a exemplo dos apóstolos que represento — eu só as recebo quando emanadas do Alto, de Cristo Nosso Senhor... Que eu sou COMUNISTA... Porque acredito no evento de uma era em que todas as religiões estarão fundidas em uma só, num mundo sem fronteiras políticas, econômicas ou raciais, num mundo em que não haja lugar para a exploração odiosa do fraco pelo forte, num mundo em que imperem os princípios básicos do SOCIALISMO CRISTÃO que preceitua que os BENS NATURAIS pertencem à COLETIVIDADE e os BENS ARTIFICIAIS pertencem aos QUE OS PRODUZEM. Que eu sou um MENTIROSO... Porque prego o verdadeiro Evangelho de Cristo, o Evangelho da Verdade! Que sou VINGATIVO... porque, a exemplo de Cristo, vibro o latego da indignação para expulsar de minha Terra, para desmascarar perante o mundo inteiro os modernos vendilhões do Templo. Que eu sou INTERESSEIRO... porque desprezei e desprezo, em proveito da felicidade de meu povo, as honrarias e o fausto em que podia estar vivendo e em que vivem os que me injuriam! Que eu sou um VISIONÁRIO... Porque sempre preguei e prego, como Cristo pregou, que todos os Homens são iguais, que o Pensamento é Livre como Livre é o direito de externá-lo, e que Deus não é propriedade particular e exclusiva de ninguém, de nenhuma doutrina, de nenhuma seita religiosa! Que eu sou um EXIBICIONISTA... Porque profiro aos sacerdotes o uso da batina fora das horas destinadas ao culto. Porque condeno o hábito da tonsura por ser uma tentativa de ressurreição da casta sacerdotal das Idades remotas. Que eu sou um JACOBINO... Porque considero católicos brasileiros todos os indivíduos de TODAS as nacionalidades do mundo, de TODAS as religiões ou crenças, desde que habitem em território nacional e sigam a Cristo embora o considerem como DEUS, como FILÓSOFO ou como Homem... Que eu sou um IMORAL... Porque reverbero contra a instituição imoralíssima do confissionário. Porque não admito o celibato obrigatório dos padres por anti-natural e pernicioso. Porque aceito e proclamo a necessidade

da decretação de um estatuto, severo, regulamentando a aplicação do DIVÓRCIO — remédio usado na quase totalidade dos países do mundo — em substituição ao diploma, prostituído e impraticável, do DESQUITE! Que sou em EXPLORADOR... Porque preconizo o trabalho obrigatório para os sacerdotes. Porque pretendo que os Templos, as Igrejas, as Capelas e as Casas de Oração, depois das horas estipuladas para a celebração do culto, sejam aproveitadas como escolas onde as crianças e os adultos pobres recebam instrução gratuita, procurando eliminar assim o analfabetismo — a maior chaga que corroe o organismo nacional. Porque desejo que se apique a quase totalidade do montante das espórtulas depositadas em caixas e sacolas, para santos e santas, não na engorda de padres, mas sim na educação, no trato e na proteção aos necessitados. Porque, finalmente, repilo, como nojenta e repugnante, a taxação argentária dos sacramentos. Que sou um TRAIADOR... Porque me bato pelo uso da língua vernácula em todos os templos nacionais. Porque curo de vergonha e tremo de indignação quando vejo o exército brasileiro poluído com a admissão de "capelães militares" — estrangeiros pela obediência — ligados por juramentos teíveis à mais odiosa de todas as potências políticas, o IMPÉRIO DO VATICANO — envergando fardas de coronel, usando como escudo o santo nome de Cristo numa blasfêmia irrisível à sua doutrina de Paz e de Amor. Porque me revoltou, na minha parte humana, quando assisto a condecoração do chefe natural, do chefe ostensivo, dos mesmos Franciscanos que — em Cabo Frio — davam sinais para que os nossos navios fossem afundados, para que os nossos irmãos fossem assassinados, enquanto por outro lado, vejo que os pracinhas da FEB, que vieram desajustados ou mutilados, dos campos de batalha da Europa, morrem desiludidos, abandonados e esquecidos, desamparados e repudiados, só restando à grande parte deles, o implorar esmolas nas portas das Igrejas onde enriquecem cada vez mais os traidores de ontem, hoje recompensados — com a MEDALHA DE GUERRA — na pessoa de seu chefe purpurado.

Propalam ainda, venenosamente, que MUITO TARDE ME REBELEI... Só Deus, meu Criador, a quem devo prestar contas sabe, que só no demorei no antro de perdição, que é a Igreja Romana, obcecado pela idéia impraticável que tive de REFORMAR, de CRISTIANIZAR, POR DENTRO a Instituição a que pertenci e que abandonei desiludido, por ver que ela teimava, como teima, em se despenhar num auto-suicídio, pelos insondáveis e escuros abismos da MENTIRA!

Desde BOTUCATU onde tudo fiz e onde o pouco que possuía entreguei ao nobre povo de São Paulo para que se libertasse e libertasse o meu país e o meu povo da Opressão e da Ditadura, até a Capital da República onde venho, acompanhado por um punhado de patriotas, consumindo na luta, aparentemente desigual, os últimos anos de vida que me restam, só tenho tido em mira a libertação econômica, política e religiosa de minha gente".

Qual a resposta até hoje dada a esse libelo por meu nobilíssimo xará?

Silêncio, falsa atitude contemplativa...



VOCÊ DEVE AJUDAR A "NOSSA" "LUTA!"

CAMPANHA DAS 10.000 ASSINATURAS

A fim de seja assegurada definitivamente a vida econômica desta revista, e consequentemente a sua publicação regular, precisamos conseguir-lhe assinantes. Com 10.000 assinaturas, "LUTA!" terá sua vida garantida.

Precisamos, pois, conseguir DEZ MIL ASSINATURAS. E não será difícil — se todos os amigos da I. C. A. B., se dispuserem a trabalhar, conseguindo assinantes entre os simpatizantes do nosso movimento, entre amigos da revista, etc.

Mão à obra, pois, sem perda de tempo! Eis uma excelente ocasião para que demonstremos nosso interesse pela causa da libertação religiosa de nossa Pátria, da qual "LUTA!" é o primeiro e único porta-voz na imprensa brasileira.